

Para um compêndio de história

Estas linhas podiam começar assim: *Era uma vez...* – e lá vinha a história de um grupo de bibliotecários de Coimbra que, um dia, teve uma ideia com que ninguém ainda tinha ousado sonhar: publicar uma revista profissional de biblioteconomia e arquivística. Naquele tempo – corria o ano agora longínquo de 1963 – era mais fácil sonhar do que ter ideias. Mas isso foi apenas o começo.

Hoje é difícil termos uma consciência nítida de como foi possível passar da ideia à realidade. Se há palavra que define a situação que então se vivia nas nossas bibliotecas e arquivos, essa palavra é «imobilismo» (ou será «rotina» no mau sentido?). Uma ou outra (ou as duas) não deixavam surgir ideias novas, pela pior das razões possíveis: não valia a pena.

Mas aconteceu o que disse o poeta: «Que farei eu com esta espada? Ergueste-a, e fez-se». Os *Cadernos* eram, pouco depois, uma realidade e depressa deixaram de pertencer a um pequeno grupo para mobilizarem e integrarem todos os bibliotecários e arquivistas deste «pobre e desaventurado Portugal».

Os *Cadernos* começaram por ser modestos – «talvez propositadamente modestos», como se lê na primeira linha do primeiro artigo do primeiro número. Eram datilografados numa velha máquina de escrever mecânica, em folhas do velho, mas prestimoso *stencil* e impressos pelo mesmo processo num papel de formato antiquado que andava a sobrar porque já não era normalizado. Os *Cadernos* ainda não eram uma revista em forma, mas um autêntico jornal de campanha que valia sobretudo pelo simples facto de existir, de ter sido possível contra muitos e de incomodar alguns. Então foi assim tão difícil lançar os *Cadernos*? Não – foi mais, mas essa é a história que não será contada.

Pouco depois, já ninguém podia parar os *Cadernos*. Os *Cadernos* eram agora um movimento que interpretava e polarizava uma consciência profissional. Os *Cadernos* dividiram o tempo ao meio: antes e depois dos *Cadernos*. E vieram as compensações: os Encontros, com uma regularidade antes impensável, mais adiante a Associação, o novo olhar com que os bibliotecários e arquivistas passaram a ser vistos nos serviços e nas universidades, a exigência profissional que umas e outros passaram a ter para consigo próprios.

Daí para diante (quase) tudo evoluiu e se desenvolveu pela melhor das razões possíveis: valeu a pena.